

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS

GIULIANA MADEIROS CARDOSO

**INTERFACES ENTRE O PÓS-HUMANO E O FEMINISMO NO CONTO “THE MAN
DOLL”, DE SUSAN SWAN**

MACEIÓ

2021

GIULIANA MADEIROS CARDOSO

**INTERFACES ENTRE O PÓS-HUMANO E O FEMINISMO NO CONTO “THE MAN
DOLL”, DE SUSAN SWAN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Letras da Universidade Federal de
Alagoas como requisito para a graduação no
curso Letras-Inglês.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ildney Cavalcanti

MACEIÓ

2021

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

C268i Cardoso, Giuliana Madeiros.
Interfaces entre o pós-humano e o feminismo no conto “The man doll”, de Susan Swan / Giuliana Madeiros Cardoso. – 2021.
23 f.

Orientadora: Ildney Cavalcanti.
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Letras - Inglês) – Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 22-23.

1. Swann, Susan. 2. Gêneros (Grupos sociais). 3. Pós-humanismo. I. Título.

CDU: 811.111-34

RESUMO

O presente artigo investiga as convergências entre gênero, ficção científica e o pós-humano conforme são metaforizadas no conto “The Man Doll” (1998), publicado na coletânea *Stupid Boys Are Good to Relax With* (1998), da autora canadense Susan Swan. A história já se encontra traduzida para o português, intitulada “O boneco” (1998), com tradução de Susana Funk, e integra a coletânea que reúne narrativas de ficção de autoria canadense. A análise tem como foco principal examinar as correlações entre a referida obra e as teorias feministas que problematizam a realidade pós-moderna do final do século XX. As autoras e os autores que fornecem os subsídios teóricos para especulações investigativas no presente trabalho são: Donna Haraway, Rosi Braidotti e Tomaz Tadeu, que fomentam discussões sobre feminismo e pós-humanismo. A metodologia utilizada foi de cunho bibliográfico, realizada com base em uma análise direcionada a um estudo nos âmbitos literários e culturais. Propõe-se, com a presente discussão do conto de Swan, apontar as relações conflituosas entre o humano e o pós-humano e como essas ligações, com fundamento em teorizações voltadas às questões de gênero e ciência, ainda são vistas de uma maneira tradicionalmente gendrada. Todavia, ao mesmo tempo, a narrativa em foco reverte as relações de poder impostas numa sociedade patriarcal, uma vez que figura uma mulher cientista detentora de saber e poder, situada em uma camada hierárquica superior à ocupada pela máquina, que é exposta no conto como um ser ciborgue heterossexual. Com o estudo realizado, constato que 1) conseguimos ampliar a discussão sobre as questões de gênero e as reflexões no que tange ao pós-humanismo à luz dos Estudos Literários; 2) bem como aprofundar o debate sobre as narrativas de ficção científica, com o conto “The Man Doll”, contribuindo assim para a sua circulação e ampliação de sua fortuna crítica.

Palavras Chaves: Susan Swan; Estudos de Gênero; Pós-humanismo.

ABSTRACT

This article investigates the convergences between gender, science fiction and post-humanism that are presented in the short story “The Man Doll” (1998), in the book *Stupid Boys Are Good to Relax With* (1998), by Canadian novelist, Susan Swan. The short story is already translated into Portuguese, entitled “O boneco” (1998), by Susana Funk, and was published in a collection that brings together Canadian short stories. The main focus of the narrative analysis is to examine the correlations between the work in focus and the feminist theories that problematize the postmodern reality at the end of the 20th century. The authors who provide the theoretical subsidies for the realization of the investigative speculations in the present work are: Donna Haraway, Rosi Braidotti and Tomaz Tadeu, that expand discussions on feminism and post-humanism. The methodology used was of bibliographic nature, and the analysis was directed by studies in the literary and cultural spheres. The present discussion aims to point out the conflicting relationships between the human and the post-human beings based on theorizations focused on gender and science issues, and how they are still seen in a traditionalist and gendered society. However, at the same time, the narrative in focus reverses the power relations imposed in a patriarchal society, in the sense that there is a female scientist with knowledge and power situated in a hierarchical layer superior to that occupied by the machine, which is exposed in the story as a heterosexual cyborg. However, science fictions that address gender and post-humanism issues are still little discussed in Brazil. As a result, I find that 1) we were able to expand the discussion of gender studies and reflections regarding post-humanism in the light of Literary Studies; 2) as well as deepening the debate on science fiction narratives, with the “The Man Doll”, thus contributing to its circulation and expansion of its critical fortune.

Key words: Susan Swan; Gender Studies; Post-humanism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. A MULHER CIBORGUE.....	8
3. O BONECO HUMANIZADO	14
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
5. REFERÊNCIAS	22

INTRODUÇÃO

A linha divisória nas relações entre humanos e ciborgues está cada vez mais tênue. Estes seres coabitam e coexistem no mesmo tempo e lugar, muitas vezes podendo ser uma única *persona*. O ciborgue é, em um sentido amplo, uma criatura pós-humana, melhorada, e ultra tecnológica que é, por muitas vezes, a versão aprimorada de uma geração a qual não se contenta mais com o desempenho biologicamente natural do seu corpo e mente. Em narrativas de ficção científica, é comum encontrarmos a figuração da busca pela extração de uma máxima potência em alguma atividade, realizando atos considerados “*sobre humanos*” (AZIMOV, 1984). Ao mesmo tempo observamos o outro lado, que pode ser também ilustrado pelo corpo-máquina ultra avançado que disputa por uma humanização. Ao pensarmos em possíveis exemplos desse universo, destacam-se obras como *Ex-machina*, *Westworld*, *A.I.- Inteligência Artificial* e *Blade Runner*¹, que apresentam semelhanças em seus roteiros, pois ilustram o conflito entre humano e máquina, geralmente retratado de uma forma negativa e amedrontadora para a existência e manutenção da humanidade.

Ao nos aprofundarmos nas teorias que vêm investigando este ser, é impossível esquecer de mencionar que os estudos realizados sobre o ciborgue só são possíveis em decorrência de outro movimento, o feminismo, que levanta-questionamentos que perpassam as investigações sobre o que é gênero, sobre o que é a mulher, o que é o homem, e conseqüentemente o que é o ciborgue. Essas indagações são essenciais para a ampliação da percepção sobre a existência dessa máquina, que desafia fronteiras e não se encaixa nas imposições binárias da nossa sociedade patriarcal.

Diante das considerações acima, vale salientar que o estudo que resultou neste trabalho fez parte de uma trajetória importantíssima da minha formação universitária, pois com ele dei início ao meu trajeto na pesquisa acadêmica. Fui bolsista colaboradora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) durante o ciclo 2019-2020, com o plano de trabalho intitulado: *Interfaces entre o pós-humano e o feminismo no conto “The Man Doll”, de Susan Swan*².

¹ As obras foram dirigidas por: Alex Garland (2015), J.J. Abrams, produtor executivo, (2016), Steven Spielberg (2001), Ridley Scott (1982), respectivamente.

² Durante meus primeiros passos nessa etapa investigatória da minha formação acadêmica, encontrei a professora Dra. Ildney Cavalcanti, idealizadora do projeto ao qual minha pesquisa está vinculada, “*Histórias de gênero e de*

Dito isso, pontuo que as convergências entre o pós-humanismo e o feminismo são meus objetos de estudo neste artigo. Aprofundo minha análise baseada em teorias relativas ao ciborgue e feminismo, especialmente com a reflexão de Donna Haraway (2009) em seu renomado ensaio *Manifesto Ciborgue*, cujas teorizações apontam um norte para esta pesquisa, uma vez que ela enfoca precisamente a figura do ciborgue. Exploro também o pensamento de Tomaz Tadeu (2009), Rosi Braidotti (2013) e Amanda Pacheco (2015) com suas investigações sobre o aperfeiçoamento e o desempenho do ciborgue, os modos de subjetividade que atravessam este ser e as interligações que podem ser evidenciadas entre as duas categorias: a mulher e o ciborgue. A reflexão que segue está dividida em duas seções: primeiramente, levanto uma investigação sobre como a mulher ciborgue é retratada na obra; e, posteriormente, enfoco a figuração do ciborgue, uma vez que, no conto, é caracterizado como máquina que reivindica direitos e deseja sua humanização.

A MULHER CIBORGUE

“The Man Doll” é um conto narrado em primeira pessoa por Aphrid, uma biomédica aposentada. A protagonista desta trama decide criar um homem boneco para presentear sua amiga Helen, que pontua, de acordo com Aphrid, reclamações constantes em relação ao sexo masculino. Como Aphrid não possuía o valor monetário suficiente para a compra de um *Pleasure Boy*, os bonecos sexuais vendidos e fabricados pelas grandes empresas, ela decide criar por conta própria tal objeto para sua amiga. Como cientista especializada em robótica, Aphrid acrescenta algumas características a mais ao boneco, tanto emocionais como qualidades físicas mutáveis a depender do gosto da proprietária, tais como, a troca de aparelhos para a área anatômica genital do seu robô. No entanto, algo inesperado acontece: a criadora se vê atraída pela criatura, decidindo assim mantê-la para si própria. Aphrid que, inicialmente, presentaria sua amiga com o boneco, faz dele sua posse, usando-o ao seu prazer e interesse.

ciência na ficção e na teoria: Susan Swan”, desenvolvido em cooperação com a professora Joan Haran (Cardiff University). Simultaneamente, fiz parte do grupo Literatura & Utopia, da Universidade Federal de Alagoas, coordenado pela minha orientadora, que desenvolve projetos, fomenta discussões e publicações sobre literatura, utopia, distopia, ficção científica, estudos de gênero, etc. A pesquisa da qual resulta meu estudo foi ganhadora do prêmio em excelência acadêmica no ciclo PIBIC 2019-2020.

No desenrolar do conto, percebemos que Manny³ passa por uma mudança em suas qualidades emocionais: de um ser programado para atender aos desejos de sua companheira, gradualmente passa a expressar quereres e direitos, influenciando os outros seres de seu tipo, os *ciborgues*. Em meio aos conflitos entre humanos e máquinas, surgem perguntas das quais não temos como fugir, tais como os deveres sociais do ciborgue e sua liberdade de escolhas, tanto na realidade fictícia como na histórica.

Ao observarmos de perto, Manny e os *Pleasure Boys* e *Pleasure Girls* não são os únicos seres ciborgues presentes na obra de Swan. Dois questionamentos levantados por Tomaz Tadeu (2009), quais sejam: “qual é mesmo a natureza daquilo que anima o que é animado?” e “onde termina o humano e onde começa a máquina?” (p. 10), nos fazem refletir sobre a criadora de Manny. O que a torna assim tão diferente de sua criatura? Pois, como descrito no conto, Aphrid não é mais cem por cento humana, uma vez que seu corpo havia passado por modificações. Ela o aprimorou com o tempo, mas de que modo isso foi feito? De um jeito prático e muito comum na nossa própria realidade, recorrendo a cirurgias plásticas; ou seja, com o enchimento e preenchimento do corpo humano com substâncias modificadoras. Afinal, no fim do processo, o resultado não é o mesmo do *original*, ou seja, seu corpo não é mais totalmente orgânico. Ela é aquilo que ela deseja mostrar. No seguinte trecho Aphrid confessa: “Usei todo meu dinheiro em várias plásticas de rosto, mas não tenho como arrumar o pescoço, onde a pele se enrugava como seda fina amassada”⁴ (SWAN, 1998, p. 132).

Este corpo alterado visa alcançar o aperfeiçoamento de suas funções. E é precisamente neste ponto que acontece uma transfiguração, uma fusão entre o humano e a máquina. Donna Haraway pontua que “[as] tecnologias de comunicação e as biotecnologias são ferramentas cruciais no processo de remodelação de nossos corpos” (2009, p. 64). A pensadora também sublinha que corpos são reconfigurados em uma estrutura muito mais complexa do que aquela que imaginamos, sendo esta tendência uma influência direta de uma sociedade hiper consumista, liberal e capitalista.

³ Nome ironicamente escolhido pela protagonista cientista para nomear sua criação, fazendo uma alusão a palavra “nanny”, babá em inglês e “man”, que seria homem, ou seja, um servo do sexo masculino para cuidar, servir e satisfazer vontades, além de apontar para a redução simbólica do papel desta personagem, já que a derivação de diminutivos em inglês é marcada pelo sufixo *y*, o que nos leva a uma leitura de Manny enquanto um “homenzinho”.

⁴ No original: I have spent my old salary on numerous facelifts, but don't have the cash to fix my neck where the skin gathers in folds like finely wrinkled silk.” (SWAN, 1998, p. 258)

Todos esses questionamentos levantados sobre o corpo do ciborgue e o processo pelo qual ele passa são pontos chaves para pensarmos em sua subjetividade. Afinal, o que torna uma pessoa *essencialmente* humana? O que é essa *essência* que enquadra Aphrid como humana? Trata-se de uma essência à qual ela se agarra como alguém a um bote salva-vidas quando sente sua humanidade ameaçada. Abordarei esta temática mais adiante.

Se considerarmos o pensamento de Haraway de que “[u]m ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção” (2009, p. 36), Aphrid, seria, sem dúvida alguma, um corpo ciborgue. No entanto, os aspectos frágeis que atravessam sua humanidade ainda estão presentes em variadas camadas. Tal detalhe é notável a partir do momento em que a personagem se queixa de suas limitações físicas, como observamos nos trechos seguintes: “Noite após noite em meu apartamento, trabalhei na construção do boneco com minhas mãos artríticas. Quase todas as juntas de meus dedos incham e alguns e alguns deles não mais se movem”⁵ (SWAN, 1998, p. 130); e “[q]uando minhas juntas não doíam não havia nada que eu não tentasse”⁶ (SWAN, 1998, p. 134). Nesses aspectos da vulnerabilidade física da cientista, que são sempre remetidos como características humanas, seria importante questionar e repensar a conceituação do que é fundamentalmente humano, pois o pensamento de que Aphrid é humana exclusivamente por possuir um corpo que sinta dor ou envelheça é bastante reducionista. Haraway não estava errada ao propor tal definição para o ciborgue, mas como Pacheco ressalta

O ciborgue hoje [...] é um organismo em constante evolução, um organismo com suas próprias complexidades e particularidades, que vem se proliferando em várias áreas socioculturais, pondo em questão e até redefinindo conceitos primordiais à existência humana. (2015, p. 3)

Sendo assim, humano e ciborgue são dois conceitos que estão em processo de (re)definição e (re)construção. As teorizações antigas sobre humanidade, exemplificadas sob um viés cartesiano (TADEU, 2009), já estão ultrapassadas, assim como generalizações sobre o ser ciborgue, que não é somente um híbrido, mas uma cadeia estrutural perpassada por diversos fatores sociais, sexuais e culturais. Sob essa ótica do ser-máquina, Aphrid atravessa um campo

⁵ No original: “Each night in my flat I worked on the doll with my arthritic hands. Most o my finger joints are swollen and some of my fingers no longer move at all (SWAN, 1998, p. 255).

⁶ No original: “When my joints didn’t ache there was nothing physical, I wouldn’t try” (SWAN, 1998, p. 261).

subjetivo muito interessante, em que é uma mulher humana ciborgue, num mundo de subjetividade no qual uma coisa não exclui a outra, mas ambas se complementam. Suas limitações corpóreas e seu aprimoramento de funções são exemplos de uma evolução significativa: seu corpo é um reator fluído.

À luz dos nossos interesses de pesquisa, outras indagações surgem a partir da caracterização da protagonista. Até que ponto a personagem principal de “The Man Doll” tem controle sobre seu próprio corpo? Qual é a pressão sofrida por ser uma mulher na sociedade de Astarte? Pontuo esta questão uma vez que a presença de um padrão estético na narrativa é muito forte. Em diversos trechos da narrativa fica evidente que, em Astarte, lugar no qual é ambientada a história, as personagens se mostram muito preocupadas com sua aparência. Como já mencionado anteriormente, Aphrid havia feito diversas plásticas, com a aplicação de toxinas em sua pele, que dão a ela um aspecto mais jovial. Com todos esses procedimentos realizados, a insegurança que a personagem sente não se esvai, sendo reforçada também quando tange a questões da sua idade, pois a cientista se sente desconfortável ao se apresentar despida para Manny, o boneco que programou e do qual é dona:

[...] temia que Manny se desgostasse com o que jaz sob minhas roupas. Se a verdade é pra ser dita, ela não se encontra nas minhas nádegas envelhecidas, ou nos meus seios e torso, coberto de reveladoras manchas de velhice. Por que fui logo construir um brinquedo tão jovem, me perguntava, quando podia ter criado um boneco que parecesse a minha idade?⁷ (SWAN, 1998, p. 132)

Este traço narrativo é bastante irônico, já que, no decorrer do conto, Aphrid menciona, durante a construção de seu brinquedo, uma de suas principais exigências residia no fato do boneco ter a habilidade pré-programada de colocar as necessidades de sua criadora em primeiro plano. Então, por que ela ainda sente toda essa angústia e ansiedade durante o encontro mais íntimo entre os dois? Lembremos que Manny fora moldado única e exclusivamente para atender às necessidades de uma mulher, inicialmente, sua amiga Helen, e agora de si própria.

⁷ No original: “So I worried that Manny would be revolted by what lies under my clothes. Because the truth is to be found, it isn’t in my aging buttocks, or my breasts and torso, which are peppered with telling brown spots. Why did I build such a youthful toy? I wondered, when I could have made a doll who looked my age?” (SWAN, 1998, p. 258).

É nesses aspectos da narrativa que identificamos que Astarte não é uma sociedade tão bem desenvolvida quanto acreditamos ser em uma primeira leitura, porque o fato de uma cientista aposentada construir um robô é algo muito marcante. Aphrid detém um poder gigantesco quando se põe nesse lugar de criadora: ela inverte papéis sociais que o senso comum tende a destinar à figura masculina. Ressalte-se que, com essas inseguranças advindas, provavelmente, de uma socialização que ainda controla e subalterniza mulheres em termos de sua beleza e idade, contemplamos a antiga estrutura patriarcal de sempre.

Nesse contexto da discussão, o trecho abaixo é relevante ao sinalizar outras aproximações que tangem aos jogos especulares entre o ser mulher e o ser ciborgue:

Mas após quase um ano com Manny, comecei a me sentir desconfortável com a ideia de ter criado um robô cuja vida se limitava a cuidar de minhas necessidades. *Não estava acostumada a ter alguém para me servir. Como mulher em Astarte, tinha sido criada para servir outros.*⁸ (SWAN,1998, p. 134, grifos meus)

É evidenciado, na citação acima, que a personagem não está se sentindo bem nesse papel de destaque que tem em casa - no sentido de ter suas necessidades atendidas, de ter alguém que se preocupe com ela, que pergunte como foi seu dia, que a faça elogios. Tudo isso é estranho para Aphrid porque em Astarte as mulheres ainda exercem o papel de servidora, aquela que está prestando um serviço a alguém e, como observamos neste trecho, tal comportamento é notável no âmbito doméstico.

O mais irônico no conto é o fato de que esta mulher cientista e este ser ciborgue se chocam mediante suas funções sociais. Como vimos acima, a mulher ainda está imersa em situações sexistas; e o ciborgue, por sua vez, tem sua liberdade limitada. Nesse sentido ambos se tocam, pois acabam ocupando um mesmo lugar simbólico, mesmo que em camadas estruturais distintas. Em Astarte, uma sociedade ambientada em 2103, os ciborgues entram em um patamar de total desigualdade social. Como são caracterizadas como humanas, as mulheres possuem ainda certo privilégio. Já aos ciborgues não-humanos, estão atribuídas funções bem mais rígidas. Identifico, no seguinte trecho, o real papel do ciborgue nessa sociedade fictícia: “As leis em Astarte proíbem que simbioses consumam alimentos humanos [...] Em Astarte é

⁸ No original: “But after almost a year with Manny, I began to feel uncomfortable about creating a robot whose life was built around ministering my needs. I wasn’t used to having somebody serve me. As woman on Astart, I’d been brought up to serve others” (SWAN, 1998, p. 261).

ilegal que um boneco possa criar vida. A única função de um simbiote é recreacional”⁹ (SWAN, 1998, p. 131 e 133). Diante disso, evidencia-se, na narrativa, que o ciborgue é meramente uma ilustração para a manipulação do prazer, sendo este um objeto de controle.

Esta até pode ser a previsão de Swan acerca do futuro dos ciborgues, mas trata-se também de um pouco de incorporação da realidade fora ficção. Podemos considerar, por exemplo, que na Arábia Saudita existe um robô, Sophia, desenvolvida pela companhia chinesa Hanson Robotics, a quem é concedida em 2017 a condição de cidadã na Arábia Saudita, recaindo-lhe todos os direitos a que constitucionalmente passa a possuir. Sophia é capaz de imitar 62 expressões faciais humanas e realizar reconhecimento facial através de sua inteligência artificial. Uma matéria publicada pelo British Council, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) levanta considerações importantes sobre Sophia e sobre as formas pelas quais humanos reagem à sua existência, tranquilizando a população, que responde de forma negativa sobre o futuro dos ciborgues. O documento do PNUD afirma que, “[e]m parceria com Sophia, nós podemos enviar uma mensagem poderosa de que tecnologia e inovação podem ser usadas para o bem, para a melhoria da vida humana, para a proteção do planeta e deixamos claro que não deixaremos ninguém para trás”¹⁰.

Conforme já aponte, o ciborgue de Swan inicialmente nos é apresentado como Manny, o fruto da criação de uma cientista aposentada que procura, por meio de uma figura masculina jovial, atender seus desejos mais íntimos: Manny seria equivalente à representação do sonho diurno¹¹ (BLOCH, apud ASSIS; CAVALVANTI, 2019) de Aphrid, que foi por ela mesma projetado e construído. O ciborgue é visto como um objeto de prazer, à medida em que a cientista o molda com uma aparência mais jovem, ou quando fabrica a interface de seu boneco com respostas emocionais que julga serem indispensáveis para uma relação amorosa satisfatória. Sob esta mesma ótica, enxergamos que Manny, esse brinquedo tão servil, não é a única máquina da narrativa. Temos Aphrid, como a personificação de uma mulher-ciborgue,

⁹ No original: “The laws on Astart forbid symbiotes to waste human food[.] On Astart, it is illegal for a doll to create life. The sole function of a symbiote is recreational...” (SWAN, 1998, p. 255 e 260)

¹⁰ No original: “In partnership with Sophia we can send a powerful message that innovation and technology can be used for good, to improve lives, protect the planet, and ensure that we leave no one behind.” Todas as traduções são de minha autoria, excetuando-se os casos em que tradutores e tradutoras se encontram listados/as nas referências.

¹¹ O sonho diurno ultrapassa o estado de inconsciência, podendo assim ser materializado, como é o caso de Manny, que é construído pela cientista, rompendo as paredes “ficcionalis” de seus desejos ao transportá-lo para o plano real.

que se afasta do que é *naturalmente* humano para ir ao encontro do que é inevitavelmente *transfigurador*.

O BONECO HUMANIZADO

O ciborgue pode apresentar muitas formas, e é por vezes imaginado como um ser metade máquina e/ou metade humano, com características físicas de ambos. Essa pode até ter sido a ideia incorporada pelo senso comum, mas, no conto analisado neste artigo, é justamente o oposto. O ciborgue é retratado como um semelhante a qualquer homem ou mulher habitante do planeta Terra.

Manny, o brinquedo recreacional, é constituído a partir de ideais físicos e sentimentais masculinos que Aphrid almeja no sexo oposto. Como ilustração, aponto os seguintes trechos:

Eu queria um novo protótipo que toda mulher adorasse possuir: um modelo de luxo que combinasse a virilidade do macho humano com uma total capacidade de proporcionar apoio emocional¹² (SWAN, 1998, p. 129).

[...]

Queria que o boneco parecesse absolutamente humano, com cada detalhe tão perfeito que ninguém pudesse perceber que o acompanhante de Helen era um robô¹³ (SWAN, 1998, p. 130).

[...]

Tinha me esquecido que tinha feito vinte tipos diferentes de pênis para Manny, pensando que Helen gostaria de experimentá-los¹⁴ (SWAN, 1998, p. 133).

Manny é criado, desta forma, com imposições sólidas e explícitas quanto à sua sexualidade, que são de caráter heterossexual, visando à satisfação do desejo do ser humano feminino e heterossexual. Mas o que seria essa tal “virilidade do macho humano”? Por que o ciborgue

¹²No original: “I wanted a new prototype that every woman would love to own- a deluxe model that combined the virility of a human male with full nurture capability” (SWAN, 1998, p. 254).

¹³ No original: “I wanted the doll to be perfect human likeness, so exact in detail that nobody would guess Helen’s escort was a robot” (SWAN, 1998, p. 255).

¹⁴ No original: “I’d forgotten I’d made twenty different types of penises for Manny, thinking Helen would enjoy trying them out” (SWAN, 1998, p. 259).

precisa se encaixar nesses conceitos? Em resumo, afirmo que não seria o seu papel desempenhar essas funções sociais pré-estabelecidas. Esses conflitos remetem a uma subjetividade do ser ciborgue que ainda está, em suas relações interpessoais, voltada para um binarismo no tocante à sexualidade, quando permanece envolto em relações heterossexuais, o que soa bastante reducionista, quando consideramos o que afirma Haraway:

O ciborgue é uma criatura de um mundo pós-gênero: ele não tem qualquer compromisso com a bissexualidade, com a simbiose pré-edípica, com o trabalho não alienado. O ciborgue não tem qualquer fascínio por uma totalidade orgânica que pudesse ser obtida por meio da apropriação última de todos os poderes das respectivas partes, as quais se combinariam, então, em uma unidade maior (2009, p. 38).

Como observado acima, o ser ciborgue não deveria ficar preso ao tradicionalismo de uma cultura patriarcal que pré-concebe rígidas marcações de gênero para fêmeas e machos. O grande choque cultural que enfrentamos em relação a esta criatura pós-humana toca em pontos em que a fluidez potencial desta subjetividade ainda é perpassada, em muitas de suas reconfigurações (como é o caso da narrativa de Swan), por conceitos antigos e ultrapassados. Como exemplo disso, saliento a “heterossexualidade compulsória”, para usar a expressão criada por Adrienne Rich (1993) tão presente no nosso entorno social e também no conto. Mas reafirmo que o ciborgue não deveria possuir, necessariamente, laços com *nenhum* tipo de binarismo, sendo assim potencialmente uma criatura primordialmente livre dessas amarras socialmente impostas.

Quando Aphrid o constrói, Manny também possui uma interface incrivelmente sofisticada, composta por seis emoções: raiva, nojo, medo, surpresa, tristeza e felicidade. Tudo isso porque a máquina, que consegue se comunicar de maneira emocional, reduz o estresse de quem o administra. O ciborgue é capaz de desenvolver opiniões sobre a vida humana e, aos seus olhos, as características físicas que a cientista adquirira com a idade é algo muito charmoso, pois, como ele mesmo aponta na narrativa, referindo-se diretamente a ela: “Você, no entanto, tem a aparência de quem já viveu,” acrescentava ele. “E eu acho isso irresistível”¹⁵ (SWAN, 1998, p. 132).

Sobre essas tênues fronteiras que separam a máquina do organismo, Tadeu pontua

¹⁵ No original: “But you look as if you have lived”, the doll said. “And I find that irresistible” (SWAN, 1998, p. 257).

Os ciborgues vivem de um lado e do outro da fronteira que separa (ainda) a máquina do organismo. Do lado do organismo: seres humanos que se tornam, em variados graus, “artificiais”. Do lado da máquina: seres artificiais que não apenas simulam características dos humanos, mas que se apresentam melhorados relativamente a esses últimos (2009, p. 11).

As personagens protagonistas – Aphrid e Manny – ciborgues apresentadas no conto habitam tal fronteira, provocando constantes inquietações no que se refere a indagações mais profundas, como o que seria um humano ou um ciborgue. O ciborgue é não somente Manny, mas também a cientista que lhe dá vida, como já aponteí acima. Percebemos, no decorrer da narrativa, que Manny se reconhece como ser social e quer ser reconhecido como tal, não querendo ser reduzido apenas a uma máquina para satisfazer prazeres, submetido ao uso alheio. Desta forma, surge o questionamento: qual seria o limiar entre humanos e pós-humanos na construção da sociedade apresentada na obra, levando em consideração tais sujeitos como indivíduos pensantes e amparados de direitos reconhecidos por lei?

Haraway teoriza que:

Com o ciborgue, a natureza e a cultura são reestruturadas: uma não pode mais ser o objeto de apropriação ou de incorporação pela outra. Em um mundo de ciborgues, as relações para se construir totalidades a partir das respectivas partes, incluindo as da polaridade e da dominação hierárquica, são questionadas (2009, p. 39).

Em “The Man Doll”, quando o primeiro protesto público é organizado pelos bonecos, a população “humana” se sente desconfortável. E isso é claramente perceptível nos pensamentos de Aphrid:

Os humanos não são obrigados a tratar simbioses com cortesia, mas novamente senti um certo mal-estar. Os bonecos estavam se apropriando de nossos privilégios. Não só agiam como se tivessem o direito de consumir recursos alimentícios preciosos, mas estavam até mesmo empregando provérbios humanos. E nem ao menos respiravam! Pelo menos sabia que pelo sistema de Manny não passava ar algum. Seus pulmões eram um saquinho sem qualquer função[...] (SWAN, 1998, p. 141-142).¹⁶

¹⁶ No original: “A human is not obligated to treat symbiotes with human courtesy, but once again I felt uneasy. The dolls were claiming our privileges. Not only were they acting as if they could consume precious food

O trecho acima, em que Aphrid vê seus direitos ameaçados, é um marco importante na narrativa, pois este trecho evidencia um apego muito grande a uma certa humanidade, que está ligada a uma questão de direitos sociais. Há, por outro lado, uma divergência peculiar: o fato de existir na protagonista um desejo de ser uma supermulher. Tal qualidade parece estar conectada com o sentido de ser uma supermáquina, já que ela busca, durante o tempo todo, o aprimoramento em suas funções orgânicas. A cientista agarra sua humanidade somente quando nota que esta é ameaçada por um outro, que ela descreve como limitado e artificial, já que os seres ciborgues não podem comer ou respirar de forma *natural*. Tudo isso nos leva de volta à teorização de Haraway sobre a subjetividade ciborgue:

O ciborgue é um tipo de eu – pessoal e coletivo – pós-moderno, um eu desmontado e remontado. [...] As tecnologias e os discursos científicos podem ser parcialmente compreendidos como formalizações, isto é, como momentos congelados das fluidas interações sociais que as constituem, mas eles devem ser vistos também como instrumentos para a imposição de significados. A fronteira entre ferramenta e mito, instrumento e conceito, sistemas históricos de relações sociais e anatomias históricas dos corpos possíveis (incluindo objetos de conhecimento) é permeável. Na verdade, o mito e a ferramenta são mutuamente constituídos (p. 63-64).

O conflito entre o avanço científico e a perda de dominância do “homem”, em uma sociedade patriarcal, sobre os meios tecnológicos é algo muito presente no conto. No entanto, a noção universalista de “homem” é descentralizada, uma vez que a narrativa dá protagonismo a uma figura mulher, a *cientista*, criadora e manipuladora de tecnologia.

A presença de uma protagonista feminina expressando e consumando seus desejos sexuais desestabiliza a sociedade na qual está imersa, pois duas estruturas socialmente predominantes são desestabilizadas: a heteronormatividade e o androcentrismo. No conto, Manny é criado dentro de um binarismo para exercer a função de um homem heterossexual; e Aphrid fora socializada para servir outros. Contudo, é perceptível uma ruptura em ambos os sentidos: 1) o boneco, que não deve ser caracterizado com tais expectativas de gênero; 2) a cientista que agora é independente, provedora de seu sustento, podendo até fabricar simbioses.

resources, the dolls were appropriating human proverbs. And they didn't even breath!" (SWAN, 1998, p. 273 e 274)

As figurações criadas pela ficção de Swan podem ser aproximadas às teorizações de Haraway no tocante:

Que tipo de papel constitutivo na produção do conhecimento, da imaginação e da prática podem ter os novos grupos que estão fazendo ciência? De que forma esses grupos podem se aliar com os movimentos sociais e políticos progressistas? Como se pode construir alianças políticas que reúnam as mulheres ao longo das hierarquias tecnocientíficas que nos separam? (HARAWAY, 2009, p. 75).

A autora reforça a ideia de que é necessário reestruturar as bases desse sistema patriarcal, por exemplo, por meio da integração de mulheres em produções científicas e questionamentos sobre quem são os indivíduos que nos representam como porta-vozes na sociedade, e principalmente, a investigação sobre o que se está sendo feito e como será possível tornar essas produções mais acessíveis e menos hierarquizantes. Se pensarmos nos ciborgues e nos seres humanos, notaremos que para uma existência harmoniosa entre ambos deve haver uma reformulação nos pilares da nossa sociedade. A noção de que os corpos orgânicos são os únicos a terem direitos e deveres deve ser reavaliada, tendo em vista que os ciborgues já coabitam o mesmo espaço que os humanos, e o que falta é uma delimitação do que é aquele corpo-máquina para a sociedade. Haraway, em suas indagações, nos faz (re)pensar em outras formas de existência e como elas podem se unir de forma positiva com o resto da humanidade. Rosi Braidotti também aponta algumas observações pertinentes sobre essa temática:

A meu ver, o denominador comum para a condição pós-humana é uma suposição acerca da estrutura vital, auto-organizada e ainda não naturalista da própria matéria viva. Esse continuum natureza-cultura é o ponto de partida compartilhado para minha opinião sobre a teoria pós-humana. Se esta suposição subsequentemente pós-naturalista resulta em lúdicas experimentações com o limiar da perfectibilidade do corpo, para um pânico moral da ruptura de antigas crenças seculares que rodeiam a "natureza" humana ou na busca exploradora voltada para o lucro de capital genético e neural, é algo a ser teorizado¹⁷ (BRAIDOTTI, 2013, p. 2).

¹⁷ No original: "In my view, the common denominator for the posthuman condition is an assumption about the vital, self-organizing and yet non-naturalistic structure of living matter itself. This nature-culture continuum is the shared starting point for my take on posthuman theory. Whether this post-naturalistic assumption subsequently results in playful experimentations with the boundaries of perfectibility of the body, in moral panic about the disruption of centuries-old beliefs about human 'nature' or in exploitative and profit-minded pursuit of genetic and neural capital, remains however to be seen" (BRAIDOTTI, 2013, p. 2).

Fica evidente, neste trecho, a ênfase de Braidotti sobre os limiares entre o humano e o pós-humano. Refletindo sobre tal ponto em relação ao conto, observo que a ideia naturalista vs pós-naturalista que permeia a narrativa de Swan está interligada com questionamentos intrigantes sobre a divisão de espaços que humanos e ciborgues partilham. É muito comum em narrativas de ficção-científica a figuração de humanos e ciborgues como inimigos. Um parece sempre estar temendo ao outro de alguma forma, principalmente, quando as relações entre ambos envolvem questões que são consideradas de exclusividade humana. O ciborgue em “The Man Doll”, por exemplo, exige direitos civis, reclama por liberdade, mas se vê em um ambiente hostil, que não o caracteriza como cidadão, reduzindo-o apenas a um amontoado de peças. O que Braidotti afirma é justamente isso: o medo de ruptura com aquilo que o senso comum (re)conhece como “humano”. De que é composto o ciborgue e o humano?

Tadeu questiona justamente essa estrutura binária entre humano e pós-humano, dando margem para ponderar o indispensável sobre esses conceitos:

Se existe, entretanto, uma criatura tecno-humana que simula o humano, que em tudo parece humana, que age como um humano, que se comporta como um humano, mas cujas ações e comportamentos não podem ser retroagidos a nenhuma interioridade, a nenhuma racionalidade, a nenhuma essencialidade, em suma, a nenhuma das dualidades que utilizamos para caracterizar o humano, porque feita de fluxos e circuitos, de fios e de silício, e não do macio e fofo tecido de que somos ainda feitos, então é a própria singularidade e exclusividade do humano que se dissolve (2013, p. 13) .

É nessa fronteira que observamos as teorizações sobre o humano suscitarem gradualmente a dissolução, pelo menos esse humano compreendido numa purista, constituído de carne e ossos. Dessa forma, abrimos margem para pensar as novas possibilidades de humanidade, que se interliga com os ciborgues para a construção de um novo pensamento sobre o existir em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto de Swan é extremamente irônico ao questionar diversas formas de hierarquia entre a máquina e os seres humanos. Como exemplo, podemos citar Aphrid que, em diversos

trechos da narrativa, deslegitima a luta de Manny e o coloca em um patamar de inferioridade com relação a si própria, ignorando o fato de que em Astarte as mulheres ainda ocupam um lugar de servidão, não muito diferente do que é vivenciado por seu gentil ciborgue. Como um ser oprimido, ela não tolera a visão de ciborgues reivindicando direitos que ela mesma não possui. O sentimento de indignação é tão genuíno que nem por um segundo ela questiona se de fato Manny estaria certo de seus ideais rebeldes. Todavia, nota-se ainda a afiada lâmina do ciúme em seu olhar revoltoso perante as manifestações dos simbioses.

A busca pela humanização que o boneco de Swan tanto deseja está entrelaçada com a transfiguração da mulher cientista, ambos sonhando com o que não possuem da maneira que tanto almejam. Ao longo da narrativa, os dois expressam um desejo por tudo aquilo que lhes falta: de um lado observa-se a figura de uma mulher representada com todo o poder de uma mão criadora, que dispõe da liberdade, de direitos, de uma humanidade, até então, não questionada, e também as marcas deixadas pela vivência de sua existência; na outra ponta, Manny, um brinquedo dócil, cumpre suas funções primárias com grande entusiasmo, é servo fiel de sua criadora, mas ambiciona novos rumos para a sua realidade de ciborgue. O boneco defende como são incríveis as marcas deixadas pelo tempo no corpo de Aphrid e o olha com uma admiração profunda, no que ela, por vezes, parece desacreditar. As personagens querem sempre o outro, ou aquilo que não possuem – a alta performance e a vulnerabilidade.

Com isso, é situacionalmente complexo esquecer a linha divisória entre o humano e o pós-humano, porque, como, Aphrid já não é somente uma mulher, mas uma mulher ciborgue. Durante a narrativa, há conflitos emblemáticos entre criatura e criador que nos levam a revisitar os momentos interacionais de ambos, e a perceber que o limite entre os dois, por várias vezes, se torna quase invisível: Manny com um emocional agudamente humano, e Aphrid com uma performance digna de um dispositivo de última geração.

“The Man Doll” foi publicado há mais de 20 anos, mas suas especulações sobre o futuro em Astarte podem ser relacionadas diretamente com o período atual em que vivemos em nossa sociedade. Hoje, em 2021, vivenciamos uma era ultra tecnológica e interagimos com máquinas na maior parte do nosso dia, trabalhamos a partir dela e notamos um padrão comportamental muito parecido ao do conto. No século XXI, mulheres e homens cultuam a idealização de um corpo de última geração, recorrendo a diversas cirurgias plásticas e, não se contentando com um organismo frágil, o aprimoram de acordo com o que a cultura dita que é mais aprazível aos olhos e ao funcionamento de suas atividades cotidianas.

Por fim, espero ter contribuído para o *corpus* crítico no que tange ao pós-humanismo, à ficção científica e ao feminismo, pois, narrativas literárias, como “The Man Doll” são fundamentais para a reflexão sobre nossa sociedade. O pós-humanismo levanta questionamentos sobre novas formas de vida, novos meios interacionais entre máquina e seres humanos em sociedade e, principalmente, sobre o que embasa o conceito de humanidade. O feminismo é igualmente importante, já que busca descentralizar a figura masculina, dando protagonismo a um outro que foi por muito tempo invisibilizado. Os estudos de gênero (des)constróem a ideia de uma cultura androcêntrica e dão margem para repensarmos a forma como atuamos no meio social, nos permitindo ser quem somos, lutando contra o preconceito e a ignorância. Por último, a ficção científica entra como uma abertura de espaço para o pensamento, sugerindo ideais e hipóteses sobre o futuro que, muitas vezes, está bem próximo ao que vivemos hoje.

Não seria possível pensar todas essas reestruturações de bases sem mencionar a principal forma de que dispomos para que tais atos se concretizem - a *educação*. E é com o reconhecimento de sua importância que afirmo que minha pesquisa não se limita a meios acadêmicos, mas pode atravessar esse âmbito e atingir alunas e alunos que ainda não chegaram ao ensino superior. A leitura literária pode - e deve - ser exercitada em sala de aula como uma opção de leitura, fomentando o letramento crítico, que auxilia estudantes a se transformarem em cidadãos e cidadãs críticos perante a realidade à sua volta. A cada dia professoras e professores rompem com moldes de ensino tradicionalista e mostram às suas turmas outras possibilidades de pensar, existir e se colocar no mundo. Não há educação neutra, pois, como seres críticos que somos, precisamos nos posicionar e contribuir para que as alunas e os alunos possam construir as ferramentas necessárias para atuarem em um mundo inclusivo e diverso. Proponho, desta forma, a leitura de “The Man Doll” nas salas de aula do Ensino Médio, já que as temáticas como o pós-humanismo, as especulações sobre o futuro, o papel da mulher na sociedade e a manipulação da tecnologia são questões atualíssimas para serem debatidas pelas/os jovens que habitam este planeta carente de esperança.

REFERÊNCIAS

ASIMOV, Isaac. **No mundo da ficção científica**. Tradução Thomas Newlands Neto. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

ASSIS, Fabiana; CAVALCANTI, Ildney. Transposições do sonhar: utopia e ficcionalização dos corpos e dos espaços em *The Stone Gods*, de Jeanette Winterson. In: DEPLAGNE, Luciana; CAVALCANTI, Ildney, orgs. **Utopias sonhadas/distopia anunciadas: feminismo, gênero e cultura queer na literatura**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

BRAIDOTTI, Rosi. **The Posthuman**. Cambridge: Polity Press, 2013.

PACHECO, Amanda. **O Amor nos Tempos do Ciborgue: uma leitura do discurso amoroso na narrativa do filme *Her***. Orientadora: Ildney Cavalcanti. 2015. TCC (Graduação) – Licenciatura em Letras, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Tradução Tomaz Tadeu. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz, Orgs. **Antropologia Ciborgue**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. In: GELP, Barbara C.; GELP, Albert, eds. **Adrienne Rich's Poetry and Prose**. New York/London: W.W. Norton & Company, 1993.

Should robots be citizens? **British Council**, Reino Unido. Disponível em:

<https://www.britishcouncil.org/anyone-anywhere/explore/digital-identities/robots-citizens>.

Ultimo acesso em: 29 de Agosto, 2021.

SWAN, Susan. "The Man Doll". **Stupid Boys Are Good To Relax With**. Toronto: Sommerville House, 1998a.

_____. "O boneco". Tradução Susana Funck. In: SANTOS, Eloína Prati dos; SILVA, Denise Almeida. (Orgs.) **Ficções do Canadá Contemporâneo: contos escolhidos**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1998b, p. 129-145.

TADEU, Tomaz. Nós, ciborgues O corpo elétrico e a dissolução do humano. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz, orgs. **Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. Cap. 1. p. 9-15.